

Fascismo à brasileira? Análise de conteúdo dos discursos de Bolsonaro após o segundo turno das eleições presidenciais de 2018.

Ana Julia Bonzanini Bernardi¹
Jennifer Azambuja de Morais²

Resumo: O uso do termo fascismo discorre sobre uma série de governos autoritários e totalitários com um forte apego populista. Primeiramente cunhado para definir o movimento liderado por Mussolini na Itália, também é comumente usado para descrever a ideologia nazista e outros governos autoritários, principalmente, concentrados no cerne da extrema direita – sobretudo com cunho militarista. Nesse sentido, dentro do contexto atual de expansão de governos de extrema direita em todo o mundo, o termo vem ganhando novos contornos. No caso brasileiro, embora muitos utilizem o termo autoritário, para descrever o novo presidente brasileiro Jair Bolsonaro, buscamos neste artigo demonstrar através de suas falas na campanha eleitoral e no primeiro mês de presidência, que este emprega sim, um discurso com cunho fascista. Para tanto, realizamos uma releitura dos principais teóricos sobre o fascismo enumerando suas características encontradas no discurso bolsonarista, tais como; construção de um inimigo comum, exaltação de um passado mítico, desvalorização das minorias e desrespeito às liberdades democráticas em prol de uma guerra à corrupção.

Palavras-chave: Fascismo; Táticas Fascistas; Discurso; Bolsonaro.

Abstract: The use of the term fascism addresses a series of authoritarian and totalitarian governments with a strong populist attachment. First, used to define the movement led by Mussolini in Italy, it is also commonly used to describe Nazi ideology and other authoritarian governments mainly concentrated at the heart of the far right - especially militaristically. In this sense, within the current context of the expansion of far-right governments around the world, the term has been gaining new contours. In the Brazilian case, although many use the authoritarian term, to describe the new Brazilian president Jair Bolsonaro, we seek in this article to demonstrate through his speeches in the electoral campaign and in the first month of presidency, that this one does use a fascist speech. To do so, we perform a re-reading of the main theorists on fascism enumerating their characteristics found in the bolsonarist discourse, such as; the construction of a common enemy, exaltation of a mythical past, devaluing minorities and disregarding democratic freedoms in the name of a war against corruption.

Key-words: Fascism; Fascist Tactics; Speech; Bolsonaro.

¹ Doutoranda PPGCP/UFRGS. E-mail: anajuliabbernardi@hotmail.com

² Pós Doutora PPGCP/UFRGS. E-mail: jennifer.amorais@gmail.com

1. Introdução

Normalmente, quando falamos sobre fascismo nos utilizamos do verbo conjugado no passado: “o que foi”, “quando acabou”, “quem eram seus representantes”. No entanto, a ideologia fascista não deve mais ser descartada como mera miscelânea de idéias mal-acabadas e obscuras, nem como uma cortina de fumaça cínica e propagandística usada para facilitar a implementação de determinadas intenções políticas (LANDA, 2009). Ou seja, esta ideologia deve estar presente nas discussões de Ciência Política atuais, pois os discursos de caráter fascista, feitos na atualidade, devem ser “levados a sério” e analisados.

O impacto desta ideologia em regimes democráticos pode ser muito negativo, pois “a política fascista pode desumanizar grupos minoritários mesmo quando não há o surgimento de um Estado explicitamente fascista” (STANLEY, 2018, p. 15). Além do incentivo à intolerância política, através da política de divisão da população em “nós” e “eles” (STANLEY, 2018), que faz distinções entre etnias, religiões ou raças. Em um contexto de ampliação das redes sociais, descrença na política e levante de regimes de extrema direita, a pós verdade tem se mostrado como um terreno fértil para o crescimento de regimes populistas, e que muitas vezes apresentam um forte cunho fascista.

O dicionário de Oxford definiu o termo pós-verdade como a palavra do ano de 2016, pós eleições de Trump nos Estados Unidos, que reacendeu os estudos do impacto das fake news na democracia eleitoral. Assim, caracterizou a pós-verdade como “relativa a circunstâncias em que fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que emoções e crenças pessoais” (ENGLISH OXFORD LIVING DICTIONARIES, 2016). A exemplo das fake news que ocorreram nas eleições de 2016 nos Estados Unidos, publicações nas redes sociais com notícias como “O papa Francisco choca o mundo e endossa candidatura de Donald Trump para presidente”, ou o discurso de Trump no qual repetiu três vezes de que o ex-presidente Barack Obama teria sido o fundador do Estado Islâmico (ISIS) foram viralizadas nas redes, atingindo quase 10 milhões de compartilhamentos no Facebook (FOREIGN POLICY, 2019). Nesse sentido, a alta disseminação das fake news nas redes sociais se mostram como uma marca da pós-verdade, na qual:

A divulgação de falsas notícias conduz a uma banalização da mentira e, deste modo, à relativização da verdade. O valor ou a credibilidade dos meios de comunicação se veem reduzidos diante das opiniões pessoais. Os

acontecimentos passam a um segundo plano, enquanto o “como” se conta a história ganha importância e se sobrepõe ao “o quê”. Não se trata, então, de saber o que ocorreu, mas de escutar, assistir, ver, ler a versão dos fatos que mais concorda com as ideologias de cada um (LLORENTE, 2017, p. 9).

O fenômeno da pós-verdade e das fake news está intrinsicamente ligado a uma refutação da ciência e uma aceitação de discursos inflamados por preconceitos, intolerâncias e táticas de uso de caos e confusão como forma de manipulação da sociedade civil e da opinião pública, lançando mão de manobras populistas e extremistas (KAKUTANI, 2018, p.189-191). Embora as fake news, em pleitos eleitorais, sejam utilizadas por diferentes partidos do espectro direita-esquerda, esta tem encontrado mais legitimidade dentro dos candidatos populistas de direita (D’ANCONA, 2018). Bem como Donald Trump nos EUA, Marine Le Pén na França, Victor Orbán na Hungria e Jair Bolsonaro no Brasil se utilizam de discursos de ódio a seus “oponentes ilegítimos” (APPLEBAUM, 2017). Matthew D’Áncona (2018) no livro “Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news”, destaca que existe uma tendência global focada na desconstrução do valor da verdade através da deslegitimação da ciência. Segundo ele, “os especialistas são difamados como um cartel mal-intencionado, em vez de [serem considerados] como fonte de informações verificáveis” (2018, p.20).

Nesse sentido, dentro do contexto atual de expansão de governos de extrema direita em todo o mundo, o termo vem ganhando novos contornos. No caso brasileiro, embora muitos utilizem o termo autoritário, para descrever o novo presidente brasileiro Jair Bolsonaro, buscamos neste artigo demonstrar através de suas falas na campanha eleitoral e no primeiro mês de presidência, que este emprega um discurso com fortes características fascistas.

Para alcançar o objetivo proposto é feita uma análise de conteúdo dos discursos do segundo turno das eleições e do primeiro mês de mandato do presidente Jair Bolsonaro, buscando as falas que se enquadram nos mecanismos do fascismo apontados pela literatura especializada.

2. Sobre o fascismo

Sem dúvida o fascismo é uma das ideologias políticas que moldou o século XX, termo, inicialmente, cunhado para definir o regime estabelecido por Mussolini, na Itália, na década de 1920. E, que durante a Segunda Guerra Mundial, cresceu com significativa

força na Europa, como na Hungria, em 1932 com Gyula Gömbös, na Romênia, em 1933 como movimento Guarda de Ferro, na França em 1934 com o *Mouvement Franciste*, entre outros. Além do nazismo na Alemanha, durante o governo de Adolf Hitler, de 1934 a 1945, que também apresentou características semelhantes ao fascismo (PASSMORE, 2012; STANLEY, 2018). Sem dúvida, constituíram-se diferentes fascismos³, com características próprias em cada país, porém com um ponto em comum: o nacionalismo exacerbado, que por muitas vezes gerava conflito e falta de solidariedade entre os países com esta ideologia.

Este crescimento do fascismo entre guerras se formou a partir de ideias, conceitos e problemas presentes em toda a sociedade europeia há séculos, a inovação dos fascistas, contudo, foi de reelaborar essas ideias de forma que pudessem servir as necessidades políticas que estavam se apresentando, dando coerência e tornando-as uteis (BERTONHA, 2000). Após o final da Segunda Guerra Mundial vários regimes fascistas entraram em colapso, porém tal ideologia ainda pode ser associada a determinados governos em pelo século XXI, pois esta ideologia vem se reinventando e tornando-se um “vírus” dentro da sociedade contemporânea (BERTONHA, 2000). Que em épocas de crise econômica e moral, como se está vendo pelo mundo, ressurgiu fortemente relacionada às forças conservadoras com a promessa de solução dos problemas.

Faz-se necessário compreender o termo, que segundo Passmore (2012) é um conjunto de ideologias e práticas que procura colocar a nação, definida em termos biológicos, culturais e/ou históricos exclusivos, acima de todas as outras fontes de lealdade, e criar uma comunidade nacional mobilizada. Assim, conforme colocado o autor, “o nacionalismo fascista é reacionário na medida em que implica uma hostilidade implacável ao socialismo e ao feminismo, pois eles são vistos como priorizando classe ou gênero em vez de nação, e é por isso que o fascismo é um movimento da extrema direita” (PASSMORE, 2012, p. 30).

Nesse sentido, o autor reafirma que o fascismo é um movimento de direita radical, uma vez que atribui a mobilização do povo por um discurso que advém do poder de uma

³ Bertonha (2000) destaca que não se pode esquecer as enormes diferenças entre os diferentes movimentos fascistas. Como, “para os fascistas italianos, por exemplo, o Estado era a base de tudo enquanto que para os nazistas o Estado era apenas a expressão da “comunidade racial do povo”, a qual seria realmente a chave da sociedade nazista. Do mesmo modo, o racismo e o antissemitismo são virtualmente desconhecidos no fascismo de Mussolini até 1938, enquanto que, sem eles, torna-se impossível entender o nazismo” (BERTONHA, 2000, p. 101).

nova elite que encabeçada por um carismático líder, traduz-se em um comportamento de massa, que:

a partir de um partido militarizado se sobrepõem aos interesses conservadores - família, propriedade, religião, as universidades, o serviço civil - onde se considera que os interesses da nação exigem isso [...] aceitando demandas específicas dos movimentos trabalhistas e de mulheres, desde que essas exigências estejam de acordo com a prioridade nacional (PASSMORE, 2012, p.30-31).

3. Mecanismos do fascismo

De Felice (1988) destacou que o fascismo apresenta dois vieses diferentes para serem estudados, um deles sobre o governo fascista, falando especificamente do governo de Mussolini, e o outro sobre o movimento fascista.

O fascismo como movimento é aquela porção de aspirações renovadoras, de interpretações de certas exigências, de certos estímulos, de certos motivos de renovação; é aquela porção de “revolucionaríssimo” que há no próprio fascismo, e que tende a construir alguma coisa de novo. É um conjunto de elementos antes de tudo, culturais (conscientes ou inconscientes) e psicológicos, que em partes são os do fascismo intransigente e pré-marcha sobre Roma, mas em parte são algumas coisas de novo e de diferente (e de sucessivo), que constitui a auto apresentação do fascismo projetado no futuro, dos condicionamentos, dos “medos”, das derrotas impostas pelo regime, além da própria vida de Mussolini. E, sob este perfil, ele constitui um comportamento essencial para compreender o *consenso*; é-lhe o componente *moral* ao lado do *material* (o de “segurança,”). O fascismo como regime, ao contrário, é a política de Mussolini [personificada]. Se põe como o resultado de uma política que tende a fazer com que o fascismo seja visto como apenas a superestrutura de um poder pessoal, de uma linha política que por muitos aspectos torna-se a herança de uma tradição (DE FELICE, 1988, p. 29-30).

Com esta divisão, é possível se compreender que o fascismo não foi uma anomalia na política europeia, mas sim um movimento ideológico que representou uma época, no caso a Europa pós-guerra, e uma sociedade, no caso a italiana. E, a partir disso, poder compreender como ele se mantém até os dias de hoje e conquista adeptos. Independentemente da percepção revolucionária (SCHOENBAUM, 1966; DARENDORF, 1967) ou contrarrevolucionária do fascismo⁴ (KERSHAW, 1997; TRINDADE, 1974), há uma convergência de que tal ideologia era uma forma de

⁴ Paxton (2007, p. 244) buscou um ponto de equilíbrio entre as duas interpretações: “o fascismo foi revolucionário em suas concepções radicalmente novas da cidadania e das formas de participação individual na vida comunitária. Foi contrarrevolucionário, contudo, com respeito aos projetos tradicionais da esquerda, tais como as liberdades individuais, os direitos humanos, o devido processo legal e a paz internacional”.

dominação com métodos terroristas que impedia o exercício de direitos, liberdades e garantias básicas dos indivíduos, ao passo que esmagava movimentos populares e organizações de esquerda. Ou seja, o fascismo do século XX constitui-se como um tipo de sistema político caracterizado por ser antidemocrático, ultranacionalista, autoritário, conservador e sexista, além de cultuar a tradição, o militarismo e desprezar os direitos humanos.

Partindo destas características do fascismo do século XX e da ascensão, nos últimos anos, de países de todos os cantos do mundo de uma espécie de nacionalismo de extrema direita, Stanley (2018) apresenta as táticas fascistas que são mecanismos para alcançar o poder. Segundo o autor (2018, p. 14), “quando aqueles que empregam essas táticas chegam ao poder, os regimes que eles praticam são, em grande parte, determinados por condições históricas específicas”. Mesmo que a política fascista não conduza necessariamente a um estado explicitamente fascista, ela é perigosa de qualquer maneira (STANLEY, 2018).

Há um perigo eminente para democracia, pois mesmo sendo possível a convivência entre um regime democrático e uma ideologia fascista, o regime fica deteriorado pelo autoritarismo de um líder que se coloca acima das demais instituições democráticas. Bem como um perigo para o aumento das desigualdades econômicas e sociais, visto que desumaniza segmentos da população, excluindo grupos, exercendo repressão da liberdade, dividindo a população através de distinções étnicas, religiosas e raciais.

Por isso, são importantes as análises que buscam compreender o emprego das táticas fascistas nos discursos de líderes. Stanley (2018) destaca que a política fascista inclui muitas estratégias, tais como: o passado mítico, propaganda, anti-intelectualismo, irrealidade, hierarquia, vitimização, lei e ordem, ansiedade sexual, apelos à noção de pátria e desarticulação da união e do bem-estar público. O quadro abaixo apresenta, resumidamente, as táticas fascistas elencadas por Stanley.

Quadro 1 – Táticas fascistas

Táticas	Mecanismos
O passado mítico	<ul style="list-style-type: none"> - Invoca um passado mítico puro que foi tragicamente destruído. Pode ser religiosamente puro, racialmente puro e culturalmente puro. - Evoca uma versão extrema da família patriarcal. - Reforça que o passo mítico era um tempo de glória da nação, com guerras de conquista lideradas por generais patriotas, com exército repleto de guerreiros leais. - Este passado foi perdido pela humilhação provocada pelo globalismo, pelo cosmopolitismo liberal e pelo respeito “por valores universais”, como a igualdade, pois estes valores supostamente enfraquecem a nação. - Sustenta um ideologia autoritária e hierárquica.

Propaganda	<ul style="list-style-type: none"> - O papel da propaganda política é de ocultar os objetivos problemáticos de políticos ou movimentos políticos, mascarando-os com ideais amplamente aceitos. - Usa linguagem dos ideais virtuosos. - Divulgar falsas acusações de corrupção enquanto se envolve em práticas corruptas. - Fortes campanhas anticorrupção.
Anti-intelectualismo	<ul style="list-style-type: none"> - Mina o discurso público atacando e desvalorizando a educação, a especialização e a linguagem. - As escolas devem apresentar aos alunos a cultura dominante e seu passado mítico. - A educação é considerada uma ameaça ao fascismo. - Busca solapar a credibilidade das instituições universitárias que abrigam vozes independentes de dissensão até que elas possam ser substituídas pela mídia e por universidades que rejeitam essas vozes. - Dentro das universidades visam professores que consideram demasiadamente politizados e denunciam áreas inteiras de estudo. - Acusam as universidades de doutrinação marxista. - O objetivo da educação geral nas escolas e universidades é incutir o orgulho do passado mítico.
Irrealidade	<ul style="list-style-type: none"> - Substitui o debate fundamentado por medo e raiva. - O que é bem-sucedido quando o público fica em uma sensação de perda e desestabilização, um poço de desconfiança e raiva contra aqueles que são ditos como responsáveis pela perda. - Troca a realidade pelos pronunciamentos de um único indivíduo. - Mentiras óbvias e repetidas fazem parte do processo de destruição da informação. - Mente de forma inconsequente. - Apresenta teorias conspiratórias (principalmente elevando o anticomunismo). - Desacreditam a mídia liberal e sugerem comportamento mentiroso da mídia. - Abala a confiança na imprensa e nas universidades. - Os políticos se apresentam como defensores de valores democráticos, mas não são.
Hierarquia	<ul style="list-style-type: none"> - A natureza impõe hierarquias de poder e dominância que contrariam categoricamente a igualdade de respeito. - A hierarquia é uma espécie de ilusão em massa, e os políticos representam os mitos que legitimam suas hierarquias como fatos imutáveis. - A lei natural supostamente coloca homens acima de mulheres. - Reforça a crença que existem diferenças genéticas de grupos em termos de habilidades cognitivas ou capacidade de controlar as próprias ações, principalmente entre gêneros, raças e etnias.
Vitimização	<ul style="list-style-type: none"> - A ascensão de grupos minoritários é vista como uma ameaça pelos grupos dominantes. - Esta vitimização dos grupos dominantes frente a perspectiva de ter que dividir cidadania e poder com grupos minoritários é amplamente usada pelos políticos fascistas. - A propaganda fascista apresenta normalmente hinos pungentes diante do sentimento de angústia que acompanha a perda do status dominante. - Esse sentimento de vitimização é utilizado pelo fascismo para justificar formas de opressão passadas, atuais e novas. - A política fascista encobre a desigualdade estrutural, tentando inverter, deturpar e subverter o longo e difícil esforço para enfrenta-la. - O líder fascista emprega um sentimento de vitimização coletiva para criar uma noção de identidade de grupo que é, por sua natureza, oposto ao <i>ethos</i> cosmopolita e ao individualismo da democracia liberal.
Lei e ordem	<ul style="list-style-type: none"> - A retórica fascista de lei e ordem é explicitamente destinada a dividir os cidadãos em duas classes: aqueles que fazem parte da nação escolhida, que são seguidores de leis por natureza, e aqueles que não fazem parte da nação escolhida, que são inerentemente sem lei. - Na política fascista, mulheres que não se encaixam em papéis de gênero tradicionais, indivíduos não brancos, homossexuais, imigrantes, “cosmopolitas decadentes”, aqueles que não defendem a religião dominante, são, pelo simples fato de existirem, violações da lei e ordem.

	<ul style="list-style-type: none"> - Discussões que usam termos como “criminosos” para abranger tanto aqueles que cometem diversos homicídios por prazer quanto aqueles que cometem infrações de trânsito, ou “tumulto” para descrever um protesto político, mudam atitudes e moldam a política.
Ansiedade sexual	<ul style="list-style-type: none"> - Se o demagogo é o pai da nação, então qualquer ameaça à masculinidade patriarcal e à família tradicional enfraquece a visão fascista de força. - O fascista promove o medo de cruzar e misturar raças, de corromper a nação pura. - Transgêneros e homossexuais são usados para aumentar a ansiedade e o pânico sobre a ameaça aos papéis masculinos tradicionais. - Apresenta o aborto como uma ameaça a liberdade da criança.
Sodoma e Gomorra (são os pontos de referência bíblicos para fonte de ansiedade sexual)	<ul style="list-style-type: none"> - Enquanto as cidades, para o imaginário fascista, são consideradas corrompida, o campo é puro. - Ressalta o valor do rural, alimentando o mito insultuoso de que os trabalhadores rurais pagam para ajudar os moradores urbanos preguiçosos. - A precisão destes ataques não são importantes para o sucesso, apenas servem para conquistar os eleitores fora das grandes cidades. - A ideologia fascista rejeita o pluralismo e a tolerância.
Arbeit Macht Frei (o slogan nos portões de Auschwitz e Buchenwald: o trabalho liberta)	<ul style="list-style-type: none"> - Em tempos de crise e necessidade, o Estado reserva apoio para membros da nação escolhida, para “nós” e não para “eles”. A justificativa é que “eles” são preguiçosos, carecem de ética e trabalho, e não podem receber fundos estatais, pois são criminosos e querem viver somente da generosidade do Estado. - Oposição aos programas de políticas sociais. - Reforço das variáveis racismo, na crença de que os pobres são preguiçosos. - Endosso a um certo individualismo e valorização da autossuficiência. - Ideal de trabalho duro contra a preguiça. - Reprimir sindicatos.

Fonte: Stanley (2018).

Segundo o autor, estes mecanismos se apoiam uns nos outros, fortalecendo a diferença entre “nós” e “eles”,

com base num passado fictício romantizado, em que há “nós”, mas não “eles”, e num ressentimento em relação a uma elite liberal corrupta, que se apropria de nosso suado dinheiro e ameaça nossas tradições. “Eles” são criminosos preguiçosos com quem a liberdade seria desperdiçada (e que, de todo modo, não a merecem). “Eles” mascaram seus objetivos destrutivos com a linguagem do liberalismo, ou da “justiça social”, e estão destinados a destruir nossa cultura e tradições, fazendo com que “nós” nos tornemos fracos. “Nós” somos diligentes e cumpridores da lei, tendo conquistado nossas liberdades por meio do trabalho; “eles” são indolentes, perversos, corruptos e decadentes. A política fascista transita em delírios que criam esse tipo de falsas distinções entre “nós” e “eles”, independentemente de realidades óbvias (STANLEY, 2018, p. 178).

A partir destas táticas fascistas e seus mecanismos de atuação para conquista e manutenção do poder, fica mais nítida a ameaça do fascismo à democracia e a igualdade social, visto que a base do fascismo é minar os valores democráticos e priorizar os valores tradicionais, bem como excluir e fomentar intolerância com os grupos minoritários. Em menor ou maior grau muitos países estão vivenciando a ascensão de movimentos fascistas, e o Brasil está nesta onda fascista, por isso a importância de se analisar o discurso do atual presidente da república através das táticas apresentadas.

4. Cenário brasileiro das eleições de 2018: Como chegamos aqui?

O panorama em que se desenvolveram as eleições de 2018 foi marcado por uma forte tensão social já deflagrada desde os movimentos de 2013. Ao longo deste período se deu o desenvolvimento da operação Lava Jato, destinada a investigar crimes de corrupção cometidos por políticos e empresas que concediam serviços ao Estado, causando uma grande midiaticização e judicialização da política (ABRANCHES, 2019, p. 20). Na esteira destes escândalos houveram as aferradas eleições de 2014 que levaram a um quarto Governo do PT presidido por Dilma Rousseff. A presidente eleita sofre um processo de impeachment, tangenciado pela forte crise econômica na qual passava o país. Tal processo deu continuidade a uma forte polarização política que se materializou em diversas manifestações pró e a favor de Dilma (ARNAUDO, 2017; MELO, 2019).

Emblemático na política brasileira, o ex-presidente, Luiz Inácio Lula da Silva (PT) foi apontado como candidato da chapa petista em agosto de 2018, mesmo tendo sido preso em abril desse mesmo ano. Grande alvo da polêmica Operação Lava-Jato, Lula tinha a maior intenção de votos quando teve sua prisão nomeada (39%, segundo o Datafolha), frente a uma grande divisão popular quanto à imparcialidade de sua condenação (ALMEIDA, 2018; MELO, 2019). O então candidato foi declarado como inelegível pelo TSE em 31 de agosto, e Fernando Haddad (PT) e Manuela D'Ávila (PCdoB) foram registrados como substitutos à presidente e vice (FACHIN; MACHADO, 2018).

Todo este processo desencadeou uma exaltação dos discursos dos candidatos à presidência que reverberou na sociedade brasileira (COSTA; BLANCO, 2019; LEAHY; SCHIPANI, 2018). Este clima de intolerância política perdurou por toda a campanha eleitoral e muitas vezes foi além de discursos nas redes sociais e gerou casos de violências nas ruas (VENTURINI, 2018). Ao passo que Bolsonaro fazia gestos de arma com as mãos, sinalizando a liberalização de armas no país – pauta de sua campanha – o candidato chegou a ser vítima de uma facada no abdômen durante ato em Minas Gerais (MG), incidente que foi chave na corrida eleitoral e gerou inúmeras fake news (CODING RIGHTS, 2018; ITUASSU et al., 2018b).

A desconfiança pela política já se mostrava como uma forte marca da população brasileira, na qual 44% afirmou estar pessimista com o resultado das eleições de 2018 em pesquisa da CNI realizada em 2017. Os motivos mais citados nas respostas espontâneas

foram a corrupção (30%), a falta de confiança (19%) no governo e a falta de opções entre os pré-candidatos à presidência (16%) (CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA, 2018, p. 5). A campanha eleitoral brasileira de 2018, embora tenha sido encurtada pela legislação de 2017 e iniciada oficialmente em 16 de agosto de 2018 (Lei nº13.487/17 e Lei nº 13.488/17) começou muito antes nas redes sociais e nas manifestações de 2013 (SOLANO, 2019). O período foi marcado por um impeachment, até hoje questionado e chamado de golpe, e diversas manifestações pró e contra o Governo, nas quais “novas e velhas” candidaturas foram se formando – como a de Jair Bolsonaro – mesmo que ainda não oficialmente (SOLANO, 2019). Novas, pois houve a maior taxa de renovação do Congresso desde 1994, mas “velhas” pois reelegeu candidatos com acusações de corrupção, e também a bancada mais conservadora eleita desde o regime militar em 1964 – tendência que já havia se mostrado presente em 2014 (ABRANCHES, 2019). As redes sociais foram marcadas pela ação dos bots sociais e de criação de notícias falsas, que cresceram de forma profícua no período, alavancadas em momentos chaves e de condenação da Operação Lava-Jato (ARNAUDO, 2017; MACHADO et al., 2018a).

Frente a prisão de Lula, Bolsonaro passou a ter a maior intenção de voto nas pesquisas do Ibope e do Datafolha. No primeiro levantamento após o anúncio da inelegibilidade de Lula na pesquisa realizada pelo Ibope, 11 candidatos apareciam com mais de 1% de intenção de voto, sendo os principais: Bolsonaro (PSL) com 22%, Marina Silva (Rede) e Ciro Gomes (PDT) empatados com 12%, Geraldo Alckmin (PSDB) com 9% e Fernando Haddad (PT) com 6%, juntamente com 21% de brancos/nulos e 7% que afirmaram não saber ou não querer opinar. Nesse cenário, a rejeição de Bolsonaro também chegava a 44% dos entrevistados (IBOPE, 2018).

Entre as reformas de 2017 na Legislação Eleitoral instituiu-se o Fundo Eleitoral de Financiamento de Campanha (FEFC), limitando os gastos de campanha a uma verba pública distribuída entre os partidos e candidatos nos termos da Lei 13.487/2017. No que tange a arrecadação, doações empresariais seguiram vedadas, mas foi ampliada a possibilidade de contribuições online para a partir do dia 15 de maio do ano das eleições, observando a necessidade de originarem de pessoas físicas e que a doação não ultrapasse 10% dos rendimentos brutos declarados no ano anterior à eleição. A Lei também determina que o candidato tem a possibilidade de financiar 100% de sua campanha com recursos próprios. E se possibilitou a realização de eventos para a promoção da candidatura, bem como venda de bens e serviços para arrecadação de valores.

O tempo de televisão dos candidatos, e a verba utilizada em suas campanhas, eram tidos, historicamente, como fatores importantes para o sucesso político nas campanhas eleitorais, salvo campanha de Collor em 1989 (ABRANCHES, 2019), não foram determinantes neste pleito (MELO, 2019). Por exemplo, o candidato PSDBbista Geraldo Alckmin contava com 5 minutos e 33 segundos de propaganda eleitoral, acesso a 185,8 milhões de reais do fundo eleitoral e 9 partidos em sua coligação partidária e terminou com apenas 4,76% dos votos no primeiro turno. Em comparação, o atual presidente Jair Bolsonaro (PSL), tinha 39 vezes menos exposição na TV, com apenas 8 segundos e 9 milhões de reais do fundo, atingiu a votação de 46,03% dos válidos (BORGES, 2019). Nos termos de Sérgio Abranches (2019, p.12), a vitória de um candidato vindo de um partido até então inexpressivo no cenário político, salvo o caso de Collor, marcou “o fim do ciclo PT-PSDB do presidencialismo de coalizão na Terceira República que organizara governo e oposição desde 1994.”

A recorrente disputa bipolarizada para a presidência, entre o PT e o PSDB, no segundo turno, foi desfeita. Na tendência dos Estados Unidos, um candidato considerado outsider sem uma plataforma clara de políticas e públicas, se autoproclamava anti-esquerda e anti-PT e tinha como principal bandeira acabar com a corrupção no país (MARANHÃO FILHO; COELHO; DIAS, 2019). Jair Messias Bolsonaro, do PSL, chegou a ser chamado de Trump brasileiro, pois soube fazer uso de suas polêmicas como forma de estar sempre nas mídias, acavando ainda mais a sua campanha nas redes sociais (ISAAC; ROSE, 2019; PHILLIPS, 2018). A eleição de 2018 no Brasil tem muitos aspectos similares com a de 2016 nos Estados Unidos, principalmente no que concerne o candidato vitorioso, o uso de redes sociais e o fenômeno das fake news (CERNOV, 2019; ITUASSU et al., 2018a).

Bolsonaro foi o candidato que mais se utilizou de suas próprias redes sociais para dialogar com seu eleitorado. Muitas vezes tendo embates com a “mídia tradicional”, o candidato ao longo da eleição, e depois de eleito, tem se utilizado fortemente do Twitter e de sua página oficial do Facebook para comunicar-se com a população. Adotando a conotação de fake news utilizada por Trump, determinando críticas e notícias desfavoráveis às suas ações como fakes, o candidato evita os “gate keepers” da mídia tradicional que desqualificada como “esquerdista” comunicando-se diretamente com a população nas redes sociais, pelo uso de *lives*, e pronunciamentos diários (ARIAS, 2019). A desqualificação da mídia tradicional ocorre desde a Rede Globo, até o The Economist, o The Guardian e todos os principais grandes veículos brasileiros (MELLO, 2018b)

Na época do segundo turno, Bolsonaro tinha 1,6 milhão de seguidores no Twitter e 7,49 milhões no Facebook – em comparação, Haddad tinha 742 mil seguidores no Twitter e 808 mil no Facebook (MELLO, 2018b). Mesmo antes do atentado em Minas Gerais, Bolsonaro não estava frequentando os debates presidenciais promovidas na televisão aberta, e após o incidente focou a sua campanha ainda mais nas redes sociais. De acordo com dados da Organização We Are Social, lançado em fevereiro de 2019, 66% da população brasileira faz uso de redes social, passando uma média de 3h34 minutos conectados apenas nas redes sociais. Seguindo os casos anteriores houve massiva atuação de bots no Twitter, Facebook e páginas de comentários de notícias. No entanto, avançando o que foi apenas uma sombra da eleição de 2014, descobriu-se que a maior propagação de notícias falsas se deu dentro do aplicativo de conversas WhatsApp – parte do Facebook. Cerca de 44% da população afirmou que utiliza o aplicativo para se informar sobre política e o fato de que muitas companhias celulares restringirem o pacote de dados 3G ao uso do aplicativo, fica mais difícil a verificação sobre o fato, muitas vezes esquecida antes de repassar a mensagem adiante (ISAAC; ROSE, 2019).

Aliado a isto igualmente está a questão da desconfiança nas instituições, sobretudo dos partidos políticos (cerca de 85% da população afirmou não ter nenhuma/quase nenhuma confiança nos partidos), mas também da mídia tradicional (quase 40% afirmaram ter quase nenhuma/nenhuma confiança nos meios de comunicação). Nessas situações as pessoas acabam por confiar mais nas informações recebidas por seus círculos próximos, familiares e amigos (apenas 8% e 21,4% afirmaram ter nenhuma/quase nenhuma confiança respectivamente) – muitas vezes recebendo as fake news em grupos fechados do WhatsApp, que não são rastreáveis (IBOPE, junho de 2018).

Uma semana antes da votação para o segundo turno, veio à tona que empresários estariam patrocinando pacotes de “envio de mensagens em massa” contendo uma série de fake news sobre a chapa petista, processo ainda em investigação pelo Ministério Público e a Polícia Federal (CODING RIGHTS, 2018; MELLO, 2018a). Recentemente, em 18 de junho de 2019, investigação da Folha de São Paulo encontrou documentos e áudios que reforçam essa narrativa, inclusive envolvendo a agência espanhola Enviawhats como contratada por empresários brasileiros para fazer os disparos pró-Bolsonaro.

5. Análise de discurso de Bolsonaro: Brasil acima de tudo, Deus acima de todos

A partir do enquadramento teórico realizado por Stanley (2018), analisamos os discursos oficiais após a apuração do primeiro turno do presidente Jair Bolsonaro, até o final do primeiro mês do seu mandato, classificando elementos fascistas dentro das categorias concebidas pelo autor. No total foram analisados nove discursos oficiais realizados pelo candidato, sendo os dois primeiros sucessivos aos resultados da apuração das urnas (primeiro e segundo turno), e os demais em exercício de posse como presidente ao longo do primeiro mês de mandato, conforme Quadro 2 abaixo:

Quadro 2- Descrição dos Discursos e Pronunciamentos analisados

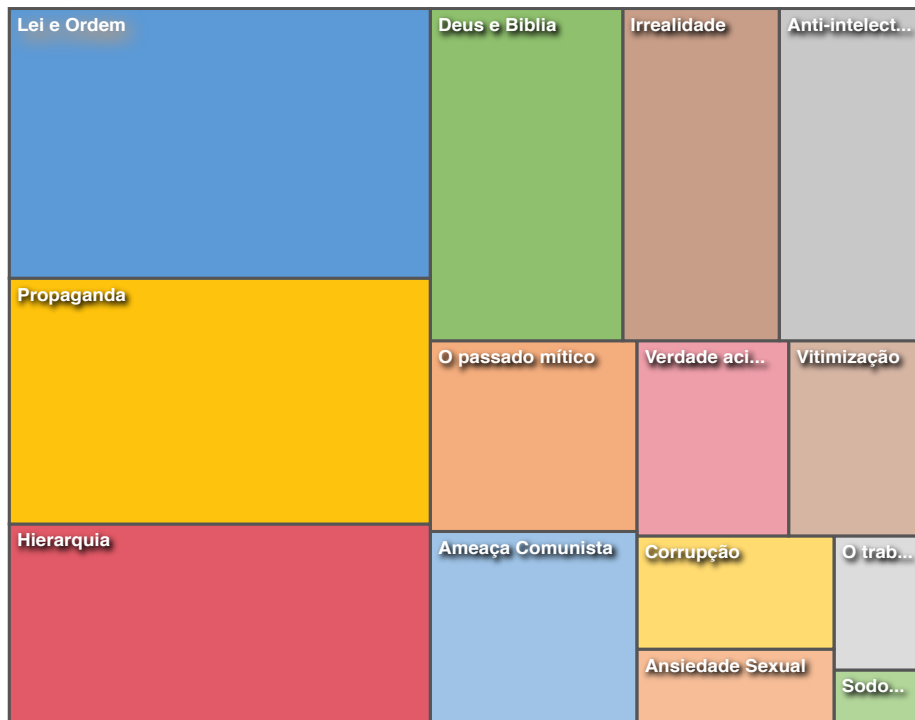
08/10/2018	Declaração de Jair Bolsonaro após resultados do primeiro turno	Rio de Janeiro [online]
28/10/2018	Declaração de Jair Bolsonaro após vitória no segundo turno	Rio de Janeiro
01/01/2019	Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, durante Cerimônia de Posse no Congresso Nacional	Brasília
01/01/2019	Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, durante cerimônia de Recebimento da Faixa Presidencial	Brasília
02/01/2019	Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, durante Cerimônia de transmissão do cargo de Ministro da Defesa	Brasília
07/01/2019	Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, durante Cerimônia de Posse do Presidente do Banco do Brasil.	Brasília
15/01/2019	Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, durante assinatura do Decreto que autoriza posse de armas de fogo -Brasília/DF	Brasília
16/01/2019	Declaração à Imprensa do Presidente da República, Jair Bolsonaro, após Cerimônia de assinatura de Atos entre Brasil e Argentina - (Brasília/DF)	Brasília
22/01/2019	Discurso do presidente da República, Jair Bolsonaro, durante a abertura da sessão plenária do Fórum Econômico Mundial 2019	Davos, Suíça

Fonte: As autoras, 2019.

Trabalhando com o software NVivo, no Gráfico 1 abaixo, demonstram-se as diferentes categorizações e os tamanhos de cada quadro foram dimensionadas conforme o volume encontrado de dada categoria nos discursos do presidente. Ademais das caracterizações realizadas pelo autor, adicionamos outras quatro categorias como específicas do discurso bolsonarista, que reforçam seus laços com o discurso fascista,

sendo estas o “uso de Deus e da bíblia”, a construção da “verdade acima de todos” como uma forma de deflagração do discurso de “corrupção” promovida pelo governo petista e da “ameaça comunista/ ideologização da política”.

Figura 1: Categorização do discurso fascista de Bolsonaro



Fonte: Autoras, 2019.

Nesse sentido, a categoria mais encontrada nos discursos foi a que encontra coró no discurso de Lei e Ordem. Conforme Stanley (2018), “a retórica fascista de lei e ordem é explicitamente destinada a dividir os cidadãos em duas classes: aqueles que fazem parte da nação escolhida, que são seguidores de leis por natureza, e aqueles que não fazem parte da nação escolhida, que são inerentemente sem lei (2018, p. 187). Parte dessa operacionalização se dá na criação de um inimigo comum. Em países como Hungria e Estados Unidos, os inimigos comuns (Eles) são colocados como os imigrantes, e, mais recentemente, os refugiados. No Brasil, embora esta retórica tenha crescido nos últimos anos, sobretudo na divisa com a Venezuela, a porcentagem de imigrantes no país é muito baixa. Assim, encontraram eco na denuncia da corrupção e na ideologização dos valores políticos como forma de construção de um inimigo comum, direcionado à esquerda, sobretudo às universidades públicas colocadas como doutrinadoras marxistas.

Nas falas do segundo turno das eleições presidenciais e do primeiro mês de mandato presidencial, percebe-se a centralidade nas palavras Brasil, presidente, ministério e governo. O que mantém sua centralidade nos discursos de construção de uma nação, o Brasil, de seu governo e os debates em torno da constituição de seu ministério. Porém, também deve-se destacar o uso das palavras Deus, povo e liberdade, que também se destacam, reforçando seu discurso religioso e de liberdade do povo brasileiro, que ele relaciona à volta de valores tradicionais, o combate à corrupção e ao comunismo. Assim, destacando-se a criação de uma nação que merece este governo e condenando um inimigo criado, que neste caso seria o comunismo representado pelo PT e pela corrupção.

Seguindo as categorias de Stanley (2018), temos o uso da propaganda.

Estou aqui porque acredito em vocês. **E vocês estão aí porque acreditam no Brasil. Nós somos um só povo, temos uma só bandeira, um só coração.** A nossa união fará com que tenhamos um governo decente, **um governo que trabalha sim!** (BOLSONARO, Declaração após resultados do primeiro turno em 8 de outubro 2018)

Nesse sentido, destaca-se o segundo maior item da categorização, que é atribuída ao uso de propaganda. Nos termos de Jason Stanley (2018, p. 51): “O papel da propaganda política é ocultar os objetivos claramente problemáticos de políticos ou de movimentos políticos, mascarando-os com ideais amplamente aceitos”. Estes ideais citados, tendem a ser amplos e generalistas como “liberdade”, e defesa à família, mas muitas vezes já vem carregados de conceitos da caracterização desta família, e hierarquização de determinadas liberdades sobre outras. Nesse sentido, destacamos algumas falas.

“Vamos defender a família, os verdadeiros direitos humanos; proteger o direito à vida e à propriedade privada e promover uma educação que prepare nossa juventude para os desafios da quarta revolução industrial.” (BOLSONARO, Abertura da sessão plenária do Fórum Econômico Mundial, 22 de janeiro, 2019.)

A verdade vai libertar este grande país, e a liberdade vai nos transformar em **uma grande nação.** (BOLSONARO, Discurso de vitória no segundo turno, 28 de outubro 2018)

Assim, seguidamente usa-se como fonte de propaganda o discurso anticorrupção, sendo a corrupção não apenas política, mas aquela que diz respeito à modificação dos valores tradicionais da sociedade (STANLEY, 2018, p.54-55), usando as liberdades da democracia contra ela mesma. Assim, Bolsonaro ao combater a “corrupção”, utiliza-se também de uma estratégia de deslegitimação,

O Brasil teve uma experiência de treze anos [referência ao Governo PT], com o que há de pior na política. Como herança, tivemos aqui **um país que viu seus valores familiares desgastados**. [Eles] mergulharam o país na mais profunda **crise ética, moral e econômica nunca visto**. O nosso país realmente está à beira do caos. (BOLSONARO, Declaração após resultados do primeiro turno em 8 de outubro 2018)

A corrupção, os privilégios e as vantagens precisam acabar. Os favores politizados, partidarizados devem ficar no passado, para que o Governo e a economia sirvam de verdade a toda a Nação. **Por muito tempo, o País foi governado atendendo a interesses partidários que não o dos brasileiros**. Vamos restabelecer a ordem neste País. (BOLSONARO, Recebimento da faixa presidencial em 1 de janeiro 2019).

De encontro a isto, está a caracterização da hierarquia no discurso fascista. Segundo Stanley (2018) a hierarquia, líderes fascistas forjam seus argumentos discriminatórios, sob a ótica de que existem diferenças naturais entre os indivíduos na sociedade que “desfaz a obrigação de considera-los como iguais (STANLEY, 2018, p.145) – nesse sentido alguns seriam “mais merecedores” que outros, justificado pelo bom trabalho que servem à pátria. O senso de hierarquia também reverbera na sociedade conservadora que teme a perda de seu status por associação a grupos menos abastados (p.154, 2018).

O cidadão de bem merece dispor de meios para se defender, respeitando o referendo de 2005, quando optou, nas urnas, pelo direito à legítima defesa. Vamos honrar e valorizar aqueles que sacrificam suas vidas em nome de nossa segurança e da segurança dos nossos familiares. (BOLSONARO, Discurso durante assinatura do Decreto que autoriza posse de armas de fogo em 16 de janeiro 2019).

Daqui em diante, nos pautaremos **pela vontade soberana daqueles brasileiros: que querem boas escolas**, capazes de preparar seus filhos para o mercado de trabalho **e não para a militância política**; que sonham com a liberdade de ir e vir, sem serem vitimados pelo crime; que desejam conquistar, **pelo mérito, bons empregos e sustentar com dignidade suas famílias**. (BOLSONARO, Discurso de Posse no Congresso, 1 de janeiro 2019)

No que tange o uso da bíblia e de Deus, embora não classificada nos termos de Stanley (2018), o Brasil tem toda uma estrutura católica cristã – e evangélica em ascensão –, que se usam da “irrealidade” como forma de conquistar devotos politicamente ao substanciar a fé com base no medo e na raiva. A política fascista troca a realidade pelos pronunciamentos de um único indivíduo, ou talvez de um partido político. Mentiras óbvias e repetidas fazem parte do processo pelo qual a política fascista destrói o espaço da informação. Um líder fascista “pode substituir a verdade pelo poder, chegando a mentir de forma inconsequente. O político fascista possui técnicas específicas para destruir os espaços de informação e quebrar a realidade.” (STANLEY, 2018. p. 104, 105).

Nunca estive sozinho. Sempre senti a presença de Deus e a força do povo brasileiro. Orações de homens, mulheres, crianças, famílias inteiras que, diante da ameaça de seguirmos por um caminho que não é o que os brasileiros desejam e merecem, colocaram o Brasil, nosso amado Brasil, acima de tudo. (BOLSONARO, Discurso de vitória no segundo turno, 28 de outubro 2018)

Agradeço a Deus por estar vivo e a vocês que oraram por mim e por minha saúde nos momentos mais difíceis. Peço ao bom Deus que nos dê sabedoria para conduzir a nação. Que Deus abençoe esta grande nação. BOLSONARO, Recebimento da faixa presidencial em 1 de janeiro 2019).

Nessa esteira, o anti-intelectualismo e a negação da ciência em um contexto de pós verdade, são fortemente emancipados como realidades. A aversão ao politicamente correto e a perseguição às discussões críticas, vistas como ideológicas, demonstram a tentativa de construção de uma realidade artificial, na qual “eles” buscam doutrinar a sociedade, e “Nós” tentamos salvar a pátria. A demonização da esquerda como responsável por ter quebrado o país, é materializada em trocadilhos com direção política, pois, conforme colocado pelo Presidente “Não podemos dar mais um passo à esquerda, o nosso passo agora é para o centro direita” (BOLSONARO, 2019a). Neste discurso, destacam-se a busca por igualdade de direitos como uma pauta de “ideologização da política” – ou mesmo de uma ameaça comunista – que despreza sexualidades fora das tradicionais (“ansiedade sexual”) através de uma vitimização da classe dominante que “trabalha pela sociedade” e é excluída pelo discurso do politicamente correto.

É com humildade e honra que me dirijo a todos vocês como Presidente do Brasil. E me coloco diante de toda a nação, neste dia, **como o dia em que o povo começou a se libertar do socialismo, se libertar da inversão de valores, do gigantismo estatal e do politicamente correto.** Vamos unir o povo, valorizar a família, respeitar as religiões e nossa tradição judaico-cristã, **combater a ideologia de gênero, conservando nossos valores.** O Brasil voltará a ser um **País livre das amarras ideológicas.** (BOLSONARO, Discurso de Posse no Congresso, 1 de janeiro 2019)

Falamos sempre, com franqueza, como deve ser, entre amigos e parceiros (incompreensível), **sem qualquer viés ideológico.** Não há tabus na relação bilateral, o que nos move é a busca de resultados concretos, que contribuam para o desenvolvimento de nossos países e para o bem-estar dos brasileiros e argentinos. (BOLSONARO, Cerimônia de assinatura de Atos entre Brasil e Argentina em 16 de janeiro de 2018).

É importante destacar, dada a grande polarização política no Brasil, o uso de comunismo e termos associados, como forma de incitação a violência. Em 130 anos de República, nenhum dos presidentes eleitos usou os termos comunismo ou socialismo em seus discursos de posse, nem mesmo os militares. Em 1937, Getúlio Vargas fez menção

à ameaça comunista que o Brasil passou na década de 1930. No entanto, passada a Guerra Fria, aparentemente é algo que ainda gera preocupação no atual presidente.

Essa é a nossa bandeira, que jamais será vermelha. **Só será vermelha se for preciso o nosso sangue para mantê-la verde e amarela.** (BOLSONARO, Recebimento da faixa presidencial em 1 de janeiro 2019).

Não podemos continuar flertando com o socialismo ou com o comunismo. É o que está aí [referência ao PT e Haddad com o qual disputou o segundo turno]. (BOLSONARO, Declaração após resultados do primeiro turno em 8 de outubro 2018)

6. Considerações finais:

A ideologia fascista não acabou após a Segunda Guerra Mundial, ela permaneceu nas sociedades contemporâneas como um vírus pronto para atuar novamente em situações de crise econômica e, até mesmo, de valores democráticos. Os discursos de líderes autoritários que falam em nome da população estão cada vez mais comuns no mundo do século XXI. E o Brasil, com o presidente Jair Bolsonaro, também está nesta leva de países com apelo ultranacionalista e que se utilizam de táticas fascistas como mecanismos de alcançar e manter o poder.

A grande inovação da ideologia fascista é a disseminação de seus ideais através das novas tecnologias de informação e comunicação, principalmente as redes sociais. O que vem atingindo amplamente a população e criando um outro fenômeno que é o da pós-verdade através das fake news. Ou seja, o fascismo mais uma vez soube se utilizar muito bem da propaganda a seu favor, se modernizando ao novo processo de comunicação da sociedade contemporânea.

O objetivo deste artigo era de demonstrar através das falas de Jair Bolsonaro, tanto na campanha eleitoral e quanto no primeiro mês de presidência, que este emprega um discurso de cunho fascista. Este objetivo foi alcançado através da utilização da conceituação das estratégias fascistas elencadas por Stanley (2018) e análise dos discursos do presidente.

Como foi apresentado, os discursos de Bolsonaro apresentam as características elencadas pelo autor, e outras, que se mostram muito específicas do caso brasileiro – como o apelo do comunismo como inimigo comum e a associação de manifestações sociais como forma de crime e tumulto. O atual presidente chega a ser chamado de “mito” e novo messias da política brasileira.

A abertura para a existência deste fascismo à brasileira, nos discursos de Jair Bolsonaro, teve oportunidade a partir do contexto de crise econômica mundial, que

assolou o Brasil mais fortemente a partir de 2014, que reavivaram um sentimento de incompetência das instituições políticas. Junta-se a isto uma crise de valores democráticos, característica do tipo de cultura política presente no país, que dá suporte para líderes fortes, repressão de liberdades, intolerância política e forte apego ao passado militar. Acreditamos que mesmo com a constatação do emprego de um discurso fascista, estaríamos distantes de um governo fascista, aos moldes do século XX, no entanto a ascensão do movimento fascista no Brasil está deteriorando a já instável democracia brasileira, impactando ainda mais na incapacidade das instituições políticas e na manutenção de uma cultura política de resignação.

7. Referências

ABRANCHES, Sérgio. Polarização radicalizada e ruptura eleitoral. In: AUTORES, Varios (Ed.). Democracia em risco? 22 ensaios sobre o Brasil de hoje. [s.l.]: Companhia das Letras, 2019. p. 9–46.

ALMEIDA, Ana Lia Vanderlei De. A prisão de Lula e a crença na “justiça verdadeira”: reflexões sobre o lugar do direito na reprodução da sociedade de classes. Revista Direito e Práxis, [s. l.], v. 9, n. 3, p. 1598–1620, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S217989662018000301598&lng=pt&tlng=pt> Acesso em: 5 de março de 2019.

APPLEBAUM, Anne. 100 Years Later, Bolshevism Is Back. And We Should Be Worried. 2017. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/opinions/global-opinions/bolshevism-then-and-now/2017/11/06/830aecaa-bf41-11e7-959c-fe2b598d8c00_story.html>. Acesso em: 3 jun. 2018

ARIAS, Juan. Por que a guerra de Bolsonaro contra a mídia prejudica a imagem do Brasil no mundo | Opinião | EL PAÍS Brasil. EL PAÍS, [online], 2019. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/04/opinion/1546636281_491737.html>. Acesso em: 16 jun. 2019.

ARNAUDO, Dan. Computational Propaganda in Brazil: Social Bots during Elections. Computational Propaganda Research Project, [s. l.], v. 8, p. 1–39, 2017.

BERTONHA, João Fábio. A questão da Internacional Fascista no mundo das relações internacionais: a extrema direita entre solidariedade ideológica e rivalidade nacionalista. Revista Brasileira de Política Internacional, v. 43, n. 1, p. 99-118, 2000.

BORGES, André; VIDIGAL, Robert. Do lulismo ao antipetismo? Polarização, partidarismo e voto nas eleições presidenciais brasileiras. [s.l.], v. 24, 2019. Acesso em: 12 maio 2019.

BORGES, Rodolfo. Uma eleição que demoliu todos os padrões de campanha no Brasil. 2019. El país. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/08/politica/1539013639_991471.html>. Acesso em: 5 abr. 2019.

CERNOV, Ana. How did we get to the Trump Era, in the US and in Brazil? 2019. Disponível em: <https://www.inesc.org.br/wp-content/uploads/2019/01/article_elections-Brazil-and-US.pdf?x31288>. Acesso em: 1 maio. 2019.

CODING RIGHTS. Data and Elections in Brazil 2018 - Brazilian Country Report. 2018. Disponível em: <<https://ourdataourselves.tacticaltech.org/projects/data-and-politics/>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA. Retratos da sociedade brasileira: perspectivas para as eleições de 2018. Brasília: CNI, 2018. v. Ano 7

COSTA, Maria Cristina Castilho; BLANCO, Patrícia. Pós-Tudo e crise da Democracia. São Paulo: Palavra Aberta, 2018.

D'ANCONA, Matthew. Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news. Barueri: Faro Editorial, 2018.

DAHRENDORF, Ralf. Society and democracy in Germany. New York & London: W. W. Norton & Company, 1967.

DE FELICE, Renzo. Entrevista sobre o Fascismo. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira. 1988.

FACHIN, Patricia; MACHADO, Ricardo. Eleições 2018. A radicalização da polarização política no Brasil. Algumas análises. Entrevistas especiais. 2018. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/583456-eleicoe...arizacao-politica-no-brasil-algumas-analises-entrevistas-especiais>>. Acesso em: 31 maio. 2019.

FOREIGN POLICY. The pro-free speech way to fight fake news. PEN AMERICA. 2019. Disponível em: <<https://pen.org/press-clip/pro-free-speech-way-fight-fake-news/>>. Acesso em: 3 set. 2018

IBOPE. Confiança nas Instituições Brasileiras (ICS) - junho de 2018. CESOP, 2018. Acesso em: 2 fev. 2019

ISAAC, Mike; ROSE, Kevin. Disinformation and fake news spreads over WhatsApp ahead of Brazil's presidential election. The Independent, [s. l.], n. October 2018, p. 1–8, 2019. Acesso em: 14 jan. 2019.

ITUASSU, Arthur et al. Campanhas online e democracia: uma proposta de pesquisa para as eleições de 2018 no Brasil. [s. l.], p. 1–23, 2018. b. Disponível em: <http://www.inctdd.org/wp-content/uploads/2018/08/ituassu-et-al-v_final.pdf> Acesso em: 14 jun. 2019.

ITUASSU, Arthur et al. Politics 3.0"? De @realDonaldTrump para as eleições de 2018 no Brasil. In: XXVII ENCONTRO ANUAL DA COMPOS, PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS, BELO HORIZONTE - MG, 05 A 08 DE JUNHO DE 2018 2018a, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2018. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/handle/bdtse/4935>> Acesso em: 14 abr. 2019.

KAKUTANI, Michiko. A morte da verdade. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2018.

KERSHAW, Ian. Qu'est-ce que le nazisme? Problèmes et perspectives d'interpretation. 2a ed. Paris: Gallimard, 1997.

LANDA, Ishay. The Apprentice's Sorcerer. Liberal Tradition and Fascism. Boston: Brill. 2010.

LEAHY, Joe; SCHIPANI, Andres. Brazilians elect Jair Bolsonaro in shift to the right. Financial Times, [s. l.], p. 4–9, 2018. Acesso em: 20 out. 2018.

MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de Albuquerque; COELHO, Fernanda Marina Feitosa; DIAS, Tainah Biela. "Fake news acima de tudo, fake news acima de todos": Bolsonaro e o "kit gay", "ideologia de gênero" e fim da "família tradicional". Correlation, [s. l.], v. 17, n. 2, p. 65, 2019.

MELLO, Patrícia Campos. Empresas contrataram disparos pró-Bolsonaro no WhatsApp, diz espanhol. Folha de S. Paulo, [online], 2019. Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/06/empresas-contrataram-disparos-pro-bolsonaro-no-whatsapp-diz-espanhol.shtml>>. Acesso em: 19 jun. 2019.

MELO, Carlos. A marcha brasileira para a insensatez. In: VÁRIOS AUTORES (Ed.). Democracia em risco? 22 ensaios sobre o Brasil de hoje. [s.l.] : Companhia das Letras, 2019. p. 310–339.

PASSMORE, Kevin. Fascism. A very short introduction. EUA: Oxford University Press. 2002.

PAXTON, Robert O. A anatomia do fascismo. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

PHILLIPS, Dom. Brazil battles fake news “tsunami” amid polarized presidential election. The Guardian News, [s. l.], p. 2018, 2018. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2018/oct/10/brazil-fake-news-presidential-election-whatsapp-facebook>> Acesso em: 21 abr. 2019

SCHOENBAUM, David. Hitler’s Social Revolution. Class and status in Nazi Germany, 1933-1939. Garden City, NY Doubleday, 1966.

SOLANO, Esther. La bolsonarización de Brasil La Bolsonarización de Brasil Brazilian Bolsonarization A Bolsonarização de Brasil: Documentos de Trabajo IELAT, Abril 2019. Universidad de Alcalá.

STANLEY, Jason. Como funciona o fascismo. A política do “nós e “eles”. Porto Alegre: L&PM, 2018.

TRINDADE, Hélio. Integralismo, o fascismo brasileiro na década de 30. São Paulo: Difel, 1974.

VENTURINI, Lilian. A violência na eleição. E o efeito do discurso dos políticos. 2018. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/10/10/A-violência-na-eleição.-E-o-efeito-do-discurso-dos-políticos>>. Acesso em: 3 maio. 2019.